

**PROFISSÃO TEMPORÁRIA DOS IRMÃOS ROBERTO E
PAULO
29 DE DEZEMBRO DE 2015**

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Nesta celebração do nascimento do Salvador, nossos Irs. Roberto e Paulo emitem os votos monásticos temporários, tornando-se monges na Igreja. Proferindo-os já se preparam para os definitivos e à Consagração Monacal.

Hoje, neste Quinto Dia da Oitava de Natal, em cuja celebração ouvimos a narrativa da apresentação do Menino Jesus no Templo, nos deparamos com o “*pneumatóforo*” adorador do Altíssimo, que esperava contemplar a consolação de Israel: o velho Simeão.

Que feliz “coincidência” encontrá-lo nesse momento dos votos de nossos irmãos. Ele nos evoca, e de maneira luminosa, a vocação de todo batizado chamado a esperar o

Senhor, já não mais na fragilidade de uma criança nascida em Belém da Judeia, mas no sacramento do encontro entre os filhos do Novo Adão.

Quem são esses renascidos da água do batismo que estão, quais Simeões, dia e noite em louvor ao Altíssimo; testemunhando pela oração perseverante a presença do Verbo Encarnado na Igreja e nos templos do Espírito Santo, os lavados pelo sangue do Cordeiro?

São os monges que escolheram a vida monástica como espaço eclesial para viver com intensidade um aspecto da vocação batismal: estando em oração contínua, contemplar, pela fé, o Cristo que vem ao seu encontro. Na plenitude dos tempos, veio o Salvador nos ternos braços de sua Santa Mãe; agora se faz presente em cada rosto humano em busca do humano rosto de Deus.

Porém, para perseverarem nesse estado de vida precisam de uma *conversatio*; uma exclusividade nessa missão, um aprofundamento na doutrina dessa opção, um auxílio divino e humano para sustentá-los nessa decisão, uma lealdade de vida e de costumes para se manterem fiéis nessa evangelização, a bem-aventurança da pureza de coração para desfrutar do dom da contemplação e um amor apaixonado pelo Cristo para constatar a visita do Salvador, que na Igreja se realiza por obra do Espírito Santo, para desfrutarem da graça da salvação.

NPSBento, herdeiro de uma Tradição Monástica, nos legou essa forma de vida para sermos na Nova Jerusalém novos Simeões; incansáveis adoradores, anunciadores, cantores e servidores do Verbo, feito carne no seio da Virgem.

Para isso, instituiu uma Escola onde se aprende, pela via da humildade, o seguimento do Cristo. Segui-Lo é

“guardar seus mandamentos”; é aprender a amar o pecador e odiar o pecado, ou seja, *“permanecer na luz”* e fugir das trevas, pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai, *“porque as trevas lhe cegam os olhos.”*

Portanto, a Escola Monástica Beneditina conduz o monge à estatura do Cristo e para isso há apenas um caminho: perseverar no processo de conhecimento de Jesus Cristo, de si mesmo e da comunidade na qual se liga ao voto de estabilidade, pela trilha da humildade. Quando essa realidade ocorre - sempre com o auxílio da graça - o monge entra na dinâmica da verdade de sua comunidade, de sua pessoa e do mistério pascal do Cristo Jesus, que disse: *“Eu sou a Verdade”* e *“a verdade vos libertará”*.

O maior benefício de estar em Cristo é a libertação de si próprio para ser livre com seus irmãos e, assim sen-

do, saborear o bem da obediência, que é o primeiro grau da humildade.

Livre para ser monge - o verdadeiro monge é sempre humilde - o discípulo de São Bento, percorre com inenarrável doçura de amor a “*conversatio monástica*”; uma pedagogia de vida na estabilidade de uma comunidade e na obediência ao abade e aos irmãos.

Entretanto, só será possível gozar do bem da estabilidade, da conversão dos costumes e da obediência, votos que professa, se o monge crê e persevera na via da humildade.

O caminho da humildade leva o monge à paciência para estar sempre no templo, ou seja, em seu mosteiro; não importando o lugar onde nele se encontra, à espera de acolher, adorar e servir o Cristo que vem ao seu encontro

em multiformes presenças: no hóspede, peregrino, pobre e, dentro do claustro, em seu abade e irmãos.

Sem humildade não terá a paciência para permanecer nesse santo serviço nem alegria para se deixar consumir, qual círio aceso na Casa do Senhor. Por mais que se polície, quando ainda é vítima do orgulho, deixará transparecer no olhar, no tom de voz e nas atitudes sua frágil fé, indecisa esperança e inconsistente caridade.

Nossos Irmãos Roberto e Paulo, que hoje se entregam ao Senhor, desejam, ser novos Simões, alegres por terem sido chamados para esse espaço da Igreja: a vida monástica.

A Tradição, utilizando o discurso de S. Paulo aos Colossenses (Cl 3,3) sobre a vida escondida em Cristo, sempre aplicou-a aos monges. Quais novos Simeões são na Igreja e na sociedade homens escondidos porque vivem a

anacorese em seus mosteiros, todavia visíveis, e muito visíveis, quando no serviço de louvor, de acolhimento e de anúncio do Evangelho no “*sancta sanctorum*” de seu cenóbio: a Igreja Monasterial. Se autênticos na busca de Deus serão Luz para os que chegam e verão a Luz naqueles os visitam. Um bom mosteiro, por conseguinte, é um gigante candelabro em meio a tantas e densas trevas deste mundo.

Vivendo a senda da humildade, no entardecer de suas vidas, caríssimos Irs. Roberto e Paulo, possa o Autor de toda a vocação os encontrar firmes na fé, alegres na esperança e fervorosos na caridade e, na verdade e liberdade do amor, a graça de poder, última e definitivamente, cantar: *“Agora, Senhor, podeis deixar vosso servo ir em paz, porque nós vimos a vossa salvação.”*

Assim seja !

